

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS-UNIS/MG
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
MARIA BEATRIZ DE CASTRO SILVA

JORNALISMO REGIONAL: uma análise de escolhas linguísticas no quadro
“Conte sua história” da EPTV Sul de Minas

Varginha
2023

MARIA BEATRIZ DE CASTRO SILVA

**JORNALISMO REGIONAL: uma análise de escolhas linguísticas no quadro
“Conte sua história” da EPTV Sul de Minas**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel, sob orientação da Prof. Dra. Ana Amélia Furtado de Oliveira

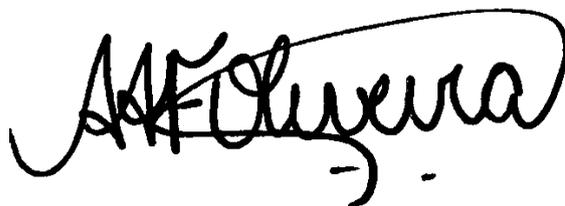
**Varginha
2023**

MARIA BEATRIZ DE CASTRO SILVA

**JORNALISMO REGIONAL: uma análise de escolhas linguísticas no quadro
“Conte sua história” da EPTV Sul de Minas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas Gerais UNIS/MG como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel, sob a orientação do Professora Ana Amélia Furtado de Oliveira

Aprovado em 28/11/2023



Prof. Ana Amélia Furtado de Oliveira



Prof. Terezinha Richartz Santana

Prof. Rodrigo Braga Faria

Dedico esse trabalho aos meus familiares e amigos que me apoiaram durante esses quatro anos de graduação.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio e dedicação. Obrigado a todos que torceram por mim no meu trabalho e confiaram em meu profissionalismo.

RESUMO

Este estudo aborda o uso da linguagem no jornalismo regional, analisando episódios do quadro “*Conte sua história*”, exibido pela EPTV - Sul de Minas. O objetivo da pesquisa é refletir sobre as escolhas linguísticas do jornalista em situação de entrevista e diálogo com a comunidade. Para tanto, foram analisados quatro episódios do quadro já mencionado, em relação ao uso da norma padrão da língua portuguesa, uso de regionalismos e coloquialidade. Este trabalho foi elaborado através de uma abordagem baseada em uma análise descritiva, na qual, diante da observação dos episódios selecionados para o estudo, constatou-se que o jornalista fez uso de palavras que davam maior proximidade com o entrevistado ou por dificuldade, em decorrência da discrepância entre língua praticada no Brasil e norma culta prevista em manuais do bom uso. É importante ressaltar, porém, que não foi utilizada a linguagem rebuscada, continuando acessível à população.

Palavras-chave: Jornalismo Regional. Linguagem. Jornal da EPTV.

ABSTRACT

This study addresses the use of language in regional journalism, analyzing episodes of the show Tell your story, shown by EPTV - Sul de Minas. The objective of the research is to reflect on the journalist's linguistic choices in interview situations and dialogue with the community. To this end, four episodes of the aforementioned situation were analyzed, in relation to the use of the standard norm of the Portuguese language, the use of regionalisms and colloquiality. This work was prepared through an approach based on a descriptive analysis, in which, upon observing the episodes selected for the study, it was found that the journalist used words that gave greater proximity to the interviewee or due to difficulty, as a result of the discrepancy between the language practiced in Brazil and the standard established in good usage manuals. It is important to highlight, however, that elaborate language was not used, remaining accessible to the population.

Keywords: Regional Journalism. Language. EPTV newspaper.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 JORNALISMO REGIONAL E LINGUAGEM	9
2.1 Jornalismo regional	9
2.2 Norma e variação linguística	10
3 MATERIAIS E MÉTODOS	13
3.1 Sobre o Jornal da EPTV e as escolhas dos episódios	13
4 RESULTADO E DISCUSSÃO.....	14
4.1 Sobre o quadro “ <i>Conte sua história</i> ”	14
4.2 análises dos episódios	15
5 CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

A comunicação eficaz é fundamental para o exercício jornalístico. Jornalistas ocupam o espaço entre a informação e o público, e suas escolhas linguísticas desempenham um papel crucial na construção da percepção pública sobre assuntos abordados. Em decorrência disso, esses profissionais são frequentemente confrontados com a necessidade de se adequar linguisticamente e culturalmente aos contextos em que atua.

Porém, tradicionalmente, o jornalismo, sobretudo em noticiários, prioriza o uso da norma padrão da língua portuguesa, buscando uma linguagem formal e estandardizada. Esta escolha é muitas vezes defendida sob o pretexto de oferecer uma informação mais "neutra", "clara" e "imparcial", que pode ser compreendida por um público amplo e diversificado.

No entanto, esta norma padrão e a linguagem formal frequentemente se distanciam da realidade linguística de muitos espectadores. Em um país vasto e culturalmente diverso como o Brasil, a língua portuguesa apresenta uma riqueza de regionalismos, gírias e formas coloquiais que refletem as identidades e histórias locais. Quando o jornalismo, em sua busca por universalidade, distancia-se dessas variantes linguísticas, corre-se o risco de alienar ou descontextualizar o público que se identifica com essas expressões.

A situação se torna ainda mais complexa quando consideramos as situações de entrevistas e diálogos diretos com a população. Nesses contextos, o jornalista pode enfrentar dilemas sobre como se comunicar de forma autêntica e acessível, enquanto mantém o padrão de linguagem jornalístico.

O jornalismo regional emerge como uma ferramenta essencial para criar uma ponte cultural com a comunidade. Em determinadas situações, os jornalistas têm a oportunidade de abraçar as nuances linguísticas e os regionalismos para se conectarem efetivamente com seu público.

Dessa forma, este estudo pretende refletir sobre as escolhas linguísticas do jornalista em situação de entrevista e diálogo com a comunidade. Para tanto, foram analisados três episódios do quadro "Conte sua história" do Jornal da EPTV, filiada da Globo na região do Sul de Minas em relação ao uso da norma padrão da língua portuguesa, uso de regionalismos e coloquialidade.

Acredita-se que a pesquisa possa ressaltar a importância do jornalismo regional, já que ele não apenas amplia o alcance da comunicação, tornando-a mais inclusiva, mas também desempenha um papel crucial na preservação das identidades locais.

2 JORNALISMO REGIONAL E LINGUAGEM

2.1 Jornalismo regional

Diante da globalização e do avanço das TICs, percebeu-se no jornalismo um período de maior destaque ao âmbito global das informações, no sentido de tornar acessível o universal ao local. Com essa ênfase, muitos acreditam que haja certa tendência de homogeneização ameaçadora de identidades nacionais (BARBOSA, 2002). No entanto, Barbosa (2002) cita o posicionamento de Hall (2001, p. 77), que acredita que o global desperte interesse pelo local:

A globalização (na forma de especialização flexível e da estratégia de criação de “nichos” de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como “substituindo” o local, seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o “global” e “local”.

Segundo Milton Santos (2002, p. 321-322 apud PERUZZO, 2005, p. 74), “a localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela. O mundo, todavia, é nosso estranho. Entretanto se, pela sua essência, ele pode esconder-se, não pode fazê-lo pela sua existência que se dá nos lugares”.

O local acontece a partir da valorização do encontro, da proximidade, da existência e especificidades sociais e culturais partilhadas (BOURDIN, 2001 apud COUTINHO, 2007).

O jornalismo local ou regional caracteriza-se por uma “maior proximidade geográfica em relação aos fatos que reportam com os leitores que privilegiam e com as fontes às quais dão voz e a forte identidade sócio - cultural e político-econômica com os territórios em que circulam” (AGUIAR, 2016, p. 17).

Segundo Deolindo (2013), o jornalismo regional veiculam notícias de interesse da comunidade, ao mesmo tempo em que reproduzem informações dos grandes centros para manter o público informado.

Para Barbosa (2002), em uma análise sobre jornalismo local em portais online locais, ao facilitar o acesso a notícias e reportagens sobre a cidade, turismo, cultura, esportes, lazer, serviços, entretenimento e diversão, intensifica os laços sociais e de pertencimento da comunidade.

Segundo Coutinho e Martins (2008, p. 6), a mídia influencia em nosso sentimento de pertencimento e “quando as notícias se referem à nossa cidade esta mediação se torna ainda mais estreita, pois o lugar do qual se fala também é o lugar em que o telespectador está”.

Coutinho e Fernandes (2007) consideram que a definição das estratégias discursivas utilizadas pelas emissoras de televisão locais e regionais ajudam a criar laços de proximidade com seu público.

No entanto, para Peruzzo, existem alguns entraves para o jornalismo regional, como o limite de tempo imposto pelas redes, sendo os horários de menor audiência, e a exigência de enquadramento nos padrões nacionais das grandes redes, “que direcionam as temáticas e o modo de expressão, acabando por inibir o afloramento dos sotaques regionais e maior inserção de mão-de-obra local” (2005, p. 72).

2.2 Norma e variação linguística

A norma, do ponto de vista linguístico, equivale a “a um conjunto de preceitos que definem o chamado ‘bom uso’, o uso socialmente prestigiado da língua” (FARACO, 2017, p. 12).

Segundo Leite (2008, p. 59), a norma dita “cultura” é considerada a linguagem praticada por pessoas escolarizadas, mais prestigiadas socialmente, cuja linguagem se aproximadas regras do previstas nos instrumentos linguísticos. É utilizada em situações formais, como em ambientes acadêmicos, profissionais e governamentais, sobretudo no jornalismo.

Ainda para Leite (2008, p. 59), um dos fatos incontestáveis sobre a prática linguística é a existência de uma força diversificadora, que impulsiona a variação regional, social, estilística e temporal. E o outro fato seria justamente o contrário, uma força unificadora, representada pela tradição de um conjunto de usos linguísticos, historicamente considerados como próprios dos que mais estudaram e acumularam conhecimentos por meio de leituras. Sendo esta última, culturalmente construída e secundária em relação à primeira.

Então, algo a se considerar é que a norma não é a única possibilidade linguística existente, já que a língua é algo dinâmico e variável. A língua é influenciada por diversos fatores, como a região, a classe social, a idade, o gênero e a situação comunicativa.

De acordo com Bagno (2007), as variações podem ser classificadas em diatópica, diacrônica, diastrática, diamésica e diafásica. A variação diatópica diz respeito à variação relativa ao espaço geográfico, mais conhecidos como regionalismos. A variação diacrônica refere-se à variação linguística através do tempo. A diastrática diz respeito ao fator social e cultural. Já a variação diamésica está ligada à comparação entre a língua falada e a língua escrita e sua prática discursiva. E, por fim, a variação diafásica diz respeito ao grau de monitoramento do falante, sobretudo em relação ao uso da linguagem formal X informal.

Um indivíduo culto, escolarizado, não faz uso somente da língua culta em seu nível formal em sua vida. Esse uso da linguagem é escolhido com base no contexto e situação comunicativa, analisando a comunicação como prática social, considerando inclusive o perfil de seu interlocutor.

Segundo Leite (2008, p. 109), a realidade linguística mostra que “nos diversos gêneros discursivos, se realizam enunciados mais ou menos cultos, ou mais ou menos populares”.

Outra questão relevante para discussão sobre a linguagem é a distinção entre FALA e ESCRITA. Normalmente têm-se uma visão dicotômica entre essas duas modalidades de comunicação, considerando da FALA mais flexível, menos planejada, mais aberta às variações e com interação síncrona entre os interlocutores; ao passo que a ESCRITA como o oposto, com todo seu distanciamento, rigor e formalidade. Porém esta é uma visão mais simplificada do fenômeno.

Para Kato (1987), o que determina as diferenças entre as modalidades oral e escrita são as diferentes condições de produção, que refletem uma maior ou menor dependência do contexto, um maior ou menor grau de planejamento e uma maior ou menor submissão às regras.

Como bem adverte Marcuschi (2001), o uso das modalidades oral e escrita, tanto na classe de maior prestígio (social) como na classe de média ou na de menor prestígio, não acontece de forma estanque. Em uma mesa redonda, por exemplo, conjugam-se linguagem escrita e linguagem falada (oralidade).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A abordagem metodológica para este estudo se baseia em uma análise descritiva das escolhas linguísticas do jornalista em situação de entrevista e diálogo com a comunidade em três episódios do quadro “Conte sua história” do Jornal da EPTV, filiada da Globo na região do Sul de Minas, apresentado pelo repórter Velber Viana. Inicialmente foi realizada uma pesquisa sobre o programa, com uma entrevista com o repórter Velber Viana e depois foram analisadas as falas do jornalista com a seleção de algumas de suas escolhas linguísticas para reflexão.

3.1 Sobre o Jornal da EPTV e a escolha dos episódios

A EPTV afiliada da Rede Globo fundada, criada pelo empresário José Bonifácio Coutinho Nogueira, que conseguiu ampliar a informação, cultura e o entretenimento em seus telejornais de forma eficiente e de qualidade.

A EPTV é composta por quatro emissoras afiliadas à Rede Globo, com sedes no interior de São Paulo (Campinas, Ribeirão Preto e São Carlos) e no Sul de Minas (Varginha). No Sul de Minas a expansão de cobertura alcança, atualmente, 160 municípios.

Um dos principais jornais regionais do Sul de Minas é o Jornal da EPTV, inaugurado em 1988 foi instalado em Varginha-Sul de Minas Gerais chegando para revolucionar o jornalismo e a comunicação regional.

O jornal da manhã da primeira edição, o EPTV 1, tem duração de 1h15, tendo início às 11h45 até 13 horas. É exibido de segunda a sábado com as principais notícias regionais, matérias, reportagens e assuntos do dia a dia.

O telejornal da manhã se destaca pelos seus quadros de entretenimento nos quais os telespectadores conseguem participar de forma significativa deixando o jornal mais informativo e inovador. Alguns exemplos são o quadro “*Barato da cozinha*” que tem por finalidade mostrar receitas de baixo custo e de qualidade sendo possível do telespectador reproduzir em casa, o “*Seu Pet na EPTV*”, que possibilita aos amantes de animais enviarem uma foto de seus bichos que passara no jornal e o criado recentemente o *Conte sua história*, objetivo da presente pesquisa.

Para análise desta pesquisa, foram escolhidos quatro episódios do quadro, sendo eles:

- Episódio 1 (EP1): a história do Ex-jogador da seleção brasileira Elzo Coelho - veiculado em 19/08/2023, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11877804/>
- Episódio 2 (EP2): a história do artesão de Paraguaçu - veiculado em 13/05/2023, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11614947/>

- Episódio 3 (EP3): a história do Ex-militar do Exército - veiculado em 27/05/2023, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11652226/>.
- Episódio 4 (EP4): a história de uma assistente social- veiculado em 26/08/2023, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11896444/>.

Considerando que linguagem do repórter podem depender do interlocutor, os episódios foram escolhidos considerando que os entrevistados possuem gêneros, estilos de vida e profissões diferentes.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 Sobre o quadro “*Conte sua história*”

O quadro “*Conte sua história*” tem como objetivo ouvir pessoas, deixar que elas contem sua história de vida, experiências, dificuldades e superações de maneira simples e descontraída. Para que cada episódio seja feito, o repórter viaja pelas cidades do Sul de Minas a fim de conhecer histórias e relatos de pessoas reais com realidades diferentes.

Segundo o repórter Velber Viana, quem apresenta o quadro, não é feita uma seleção de entrevistados. Viana vai em busca de pessoas que queiram contar sua história, sem filtro ou linguagem complexa, somente convida pessoas para contar a sua vivência e assim nasce um novo capítulo do quadro.

Apesar de o jornalismo viver essencialmente de histórias e elas serem matéria-prima diária do repórter, a proposta nesse caso particular é ouvir e publicar as histórias desprendidas de um gancho noticioso. Segundo o repórter, uma das metas do programa é deixar claro que todos têm uma boa história para contar, que todas merecem ser ouvidas e que sempre há lições e exemplos nos enredos. Nesse aspecto, acredita-se que o formato ofereça mais identificação com o público pelo seu modo de bate-papo em comparação com as formas padrões.

Outro objetivo do quadro, segundo Viana, é deixar os protagonistas das histórias - os entrevistados - o mais à vontade possível, tendo como ambiente dois bancos e uma praça. Embora os equipamentos de televisão naturalmente gerem alguma autocobrança, a condução do quadro está bem aquém de todo aparato e exigências do telejornalismo cotidiano. Em depoimento, Viana comenta: “Sinto os participantes muito confortáveis nas conversas”.

Ainda para Viana, também não se pode deixar perder as metas jornalísticas do material. As interações são conduzidas com perguntas e comentários que cheguem a conteúdos informativos, por exemplo: o combate à homofobia e o que é esse preconceito, o que é racismo e sua pena, a obrigação de presença paterna pelo menos financeira, etc.

Com mais de um ano de quadro, a cada gravação, em que normalmente ouve três personagens, Viana comenta que comprova a máxima proposta quando da criação do quadro: todo mundo tem uma boa história para contar. Acha, ainda, surpreendente como as recusas são raras, sem que quase todas as abordagens - também gravadas - terminam em entrevista nos banquinhos. Segundo ele, isso confirma outra necessidade cotidiana: as pessoas precisam ser ouvidas.

4.2 Análise dos episódios

Como a linguagem é influenciada por fatores sociais, inicialmente faz necessário conhecermos um pouco mais sobre o perfil do jornalista Velber Viana, apresentador do quadro “*Conte sua história*”.

Velber Viana nasceu em Pará de Minas, graduou-se em Jornalismo na faculdade Pitágoras campus em Divinópolis. Morou em Pará de Minas até seus 25 anos, depois morou nas cidades de Divinópolis, Araxá, Uberaba e hoje reside em Varginha.

Como as escolhas linguísticas podem ser influenciadas pela imagem que o jornalista faz do seu interlocutor, foram escolhidos para a presente pesquisa quatro entrevistados de diferentes perfis e atividades profissionais: ex-jogador de futebol, artesão, ex-militar do exército e uma assistente social.

No primeiro episódio analisado, foi entrevistado o ex-jogador de futebol, Elzo Coelho, na cidade de Machado MG. Podemos perceber que Elzo Coelho faz certo monitoramento das escolhas linguísticas para tentar se adequar à linguagem padrão, talvez por estar sendo entrevistado. Já o jornalista apresenta uma linguagem padrão e formal, apesar da tentativa de conversa. As passagens da entrevista a seguir ilustram essa característica:

19/08-EX JOGADOR DE FUTEBOL

(01:00 até 01:45)

Repórter- Sua história é boa de ser contada.

Entrevistado: É verdade, é uma história verdadeira, foi onde eu tive minhas conquistas como profissional do futebol, começando com uma equipe pequena do interior de São Paulo e depois indo pro clube Atlético Mineiro...

Repórter: Olha aí gente! Olha a presença do banquinho de hoje.

(02:30 até 04:17)

Entrevistado: Também tem o instituto Elzo Túlio, que faz um trabalho bacana, uma criação que eu tive depois do momento difícil da minha vida [...]

Repórter: Eu queria entrar um pouquinho se você me permite neste momento de dor que você enfrentou...

(05:38 até 06:21)

Entrevistado: Meu filho faleceu no sábado, foi sepultado no domingo de manhã. Na segunda-feira eu estava construindo o instituto Elzo Túlio [...]

Repórter: Olha que bonito aí, gente! É craque ou, não é? É craque dentro e fora das quatro linhas.

(07:55 até 08:09)

Entrevistado: Eu com (cum) 7 anos já ajudava meu pai na lavoura, eu já estudava, era assim para toda família, poder ajudar no sustento da casa. [...]

Repórter: Agora, pra quem começou a trabalhar aos 7 anos, que horas que sobrava pra jogar bola?

Alguns trechos que merecem destaque no EP1 são as passagens do jornalista que estão em um nível de linguagem mais informal:

mudando o rumo das conversas (EP1)

O homem (no sentido de você) assinou contrato na cama de recuperação (EP1)

E o Elzo se abriu com a gente (EP1)

São escolhas lexicais informais, mas não tanto. Um destaque especial para o uso do *a gente*. Nos manuais do bom uso do português e orientações de linguagem formal, orienta-se para a preferência de construções com o “*nós*”. Podemos refletir sobre a possibilidade do uso de *a gente*, por parte do jornalista, não só neste episódio, ser decorrente de uma escolha de proximidade com o público.

No segundo episódio analisado, com o entrevistado Zé Candinho, artesão de Paraguaçu, observamos que o entrevistado apresenta uma fala mais espontânea deixando aflorar escolhas lexicais e construções linguagem sul mineira e outros usos muito comuns do falar não padrão do português brasileiro como as reduções em “*cabá*” (acabar), “*custumei*” (acostumei), “*pa*” (para), “*tamém*” (também) e o rotacismo em “*compretar*” (completar) e em “*desenvorvendo*” (desenvolvendo).

Abaixo citamos algumas passagens da entrevista:

13/05-Artesão Paraguaçu

(00:00 até 00:15)

Repórter- Em Paraguaçu, tivemos a sorte de encontrar o famoso Zé Candinho, o pessoal conhece o Zé Candinho aqui em Paraguaçu, o homem que fabrica doces, o homem que fabrica arte por meio da entalhada ...

(00:47 até 00:57)

Repórter- Zé Candinho, você se orgulha de ter aqui seu ganha pão?

Entrevistado: Com certeza! Orgulho, agradeço muito a Deus, agradeço também cada pessoa, cada cliente (criente) [...]

Algumas ocorrências mais informais nestes episódios são destacadas nas passagens abaixo:

(00:38 até 00:54)

Repórter-Então você cresceu e fez família em São Paulo?

Entrevistado: Sim, lá em São Paulo.

Repórter- Gosta mais de terras mineiras ou de terras paulistas?

Entrevistado - Ah, eu não (num) tenho preconceito sobre isso, gosto de lá, gosto daqui também.

Repórter- Tá sendo político rapaz (rapai)!

(02:22 até 02:36)

Repórter- O profissional que é bom ele anda com a ferramenta na mão!

Entrevistado: Ferramenta na mão.

Repórter- Você(c) tem alguma ferramenta aí?

Entrevistado: eu tenho um formão, lápis também.

Repórter - Aí, gente! Ele ta com ferramenta, esse é artista.

(04:43 até 05:03)

Repórter- O que que já te contrariou na vida?

Entrevistado: Ah, muitas coisas viu! Tem uma delas que ...eu acho que eu não poderia deixar de falar, uma delas é muito polêmica, você (c) até já sabe o que que é.

Repórter- O racismo.

Entrevistado: O preconceito [...]

No episódio 2, observamos a rara redução do você em c por parte do jornalista. Em todas as entrevistas, ele opta por utilizar a pronúncia completa da palavra. Uma redução que se fez presente em vários episódios foi a redução do verbo estar em tá.

Na última pergunta das passagens acima, podemos observar uma construção de perguntas mais informal. Na variante do interior, costuma-se repetir o “que”. Se fosse em uma linguagem mais padronizada, formal, a tendência seria retirar a repetição.

No terceiro episódio analisado, com o entrevistado José Pedro, ex-militar e ex-funcionário do Ibama. José Pedro é carioca e mora em Cambuquira. Em suas respostas, ele usa uma linguagem predominantemente padrão, com variedade vocabular, porém com algumas expressões coloquiais como “em cana” (na prisão). Neste episódio, observamos na fala do jornalista algumas expressões cotidianas e mais informais como trocar dois dedos de prosa e boa praça.

27/05-Ex Militar do Exército - Cambuquira

(00:16 até 00:31)

Repórter- Eu gostaria de trocar dois dedos de prosa com você, já que você é de Cambuquira, na verdade você mora em Cambuquira pelo jeito mais e é carioca. A gente normalmente coloca esses banquinhos para a EPTV nas praças do sul de Minas para ouvir pessoas, porque todo mundo tem uma boa história pra contar.

(00:37 até 00:44)

Entrevistado:-O pessoal me conhece como Pedro Carioca ou Pedro Flamenguista.

Repórter- Tá explicado pelo sotaque, pela camisa que ele tá ostentando [...]

(00:47 até 00:52)

Repórter - É O típico carioca boa praça e bom de prosa [...]

No quarto e último episódio analisado, com a entrevistada Amanda de Souza, assistente social que trabalha na APAE de Paraguaçu. Sua fala é espontânea, aparenta intenção de

policciamento pela entrevista, com algumas ocorrências do falar não padrão. Em relação à fala do jornalista, temos algumas ocorrências interessantes:

26/08-Assistente Social - Machado

(01:07 até 01:18)

Repórter- Enquanto eles fazem o documento, queria te fazer um convite. A gente posiciona nossos banquinhos todo sábado nas praças pra gente ouvir as pessoas e conhecer um pouquinho da história delas. Eu gostaria de te ouvir um pouco, por alguns minutos. Enquanto você espera eles, vem cá!

(02:54 até 03:04)

Repórter - Depois de receber essa notícia, seu filho vai precisar aí de um apoio. As mães conseguem esse apoio e a vida segue feliz né, não tem terra arrasada quando esse diagnóstico é recebido não, né.

Não só neste, mas em outros episódios, o jornalista usa marcadores como as expressões né, aí. Essas ocorrências são comuns nas falas espontâneas, demonstram um não planejamento, uma hesitação diante da necessidade de um tempo para se pensar. Isso pode dar um efeito de proximidade com a conversa daquele momento.

Outro uso curioso é enquanto você ELES, pronunciado até em tom mais baixo. Sabemos que a construção correspondente dentro da norma padrão seria o uso do pronome oblíquo enquanto você OS espera, porém o uso do jornalista é bem recorrente no português brasileiro. A colocação com pronome oblíquo pode soar um tanto quanto artificial. Imagina-se que para muitos jornais que abordam o público o momento da indecisão entre o seguir a norma e soar artificial, ou seguir a língua praticada no dia a dia e ir contra os manuais do bem dizer.

Outra discrepância entre a língua praticada X norma culta, seria o uso do você X tu. Sabe-se que o tu no contexto atual tornou-se um regionalismo, sendo a preferência nacional o uso do você. Porém existem algumas construções em que soa artificial para o falante brasileiro a colocação de pronomes relativos ao você, como em:

Qual você se deparou que é a mais relevante da sua carreira, você sempre lembra assim, que faz valer a pena, te faz ter orgulho de ser assistente social. (EP4)

No caso acima, houve a mistura entre tratamento de você e tu, o que para a norma padrão não seria tão adequado. Porém é uma ocorrência muito comum, até mesmo em falantes escolarizados.

Outro uso que é bastante comum na fala de pessoas letradas é a redução de para em pra. A ocorrência foi única nos episódios analisados, mas acredita-se que os jornalistas de forma geral devam se “policiar” tentando pronunciar com todas as letras. Imagina-se que casos parecidos desse “policiamento” devam ser:

Nessas entrevistas que a gente faz (EP1)

vocês crescer e fez família em São Paulo (EP2)

trabalhar com madeira (EP2)

No sistema fonológico do português brasileiro, há uma tendência muito comum que é o acréscimo de um som de vogal em faz, fez (fais, feis) e uma redução da vogal i (monotongação) de madeira, com a pronúncia maderá. Em suas falas, o jornalista não realizou essas reduções, pronunciando as palavras conforme a escrita. Esse uso pode ser explicado por um maior monitoramento por parte do jornalista ou então pode ser sua variante regional, já que existem exceções no Brasil em que pronunciam conforme a escrita, como é o caso do falar belo horizontino.

Ainda sobre a pronúncia e variação fonética no jornalismo, algo muito observado pelos espectadores do Brasil todo é o uso do R. Parece haver uma padronização da pronúncia do /R/ do jornalismo a fim de não deixar marcas territoriais de uso da linguagem. Como no sul de Minas o R retroflexo (conhecido como R caipira) é a variante mais utilizada, os entrevistados, em sua maioria, o utilizavam. Porém o jornalista varia uso do R mais forte, característico do falar belo-horizontino. Uma passagem curiosa foi quando o jornalista, ao abordar a assistente social, utilizou o R retroflexo em seu boa tarde e a assistente respondeu com o mesmo R. Tendo o jornalista nascido em Pará de Minas, região onde predominante faz-se uso do R forte da região belo-horizontina, e em veículo que se prega o R forte como padrão, tem-se a hipótese que usou pontualmente o R retroflexo com objetivo de trazer proximidade com a interlocutora.

Algo observado em relação ao tratamento com as pessoas é que o jornalista usa sempre o “você”, sem utilizar “o senhor” para pessoas com mais idade. Talvez essa escolha também seja no intuito de maior proximidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como Bourdin (2001) ressalta, a proximidade entre as duas pontas no processo de comunicação é a responsável pela produção de vínculos sociais, que poderiam assim ser estabelecidos através de toda e qualquer mensagem transmitida ao telespectador, seja ela a cobertura de fatos jornalísticos, seja por meio de iniciativas para aproximar a emissora da comunidade local. Todas essas representações veiculadas contribuem para a manifestação das ilusões e paixões de identidade local. (apud COUTINHO; MARTINS, 2008).

O programa *Conte sua História*, da EPTV Sul de Minas, ao inserir em sua programação um quadro inteiro dedicado, imagens e fala do cidadão comum que estão nas ruas, contribui para preservação da cultura da região.

O formato do quadro, com a iniciativa de o jornalista Velber Viana abordar passantes nas ruas de cidades do sul de Minas, colocar banquinhos para a conversa, é muito convidativo e aberto para a espontaneidade do falar. De fato, todos os quatro entrevistados analisados na presente pesquisa aparentaram que estavam à vontade nas respostas, alguns com maior ou menor nível de monitoramento da linguagem em relação ao uso formal.

O gênero textual do quadro caracteriza-se mais como entrevista do que conversa ou bate-papo, já que o jornalista apresenta as perguntas e faz comentários muito breves, somente os mais propícios para relacionar com o tema da pergunta seguinte.

Por dar a voz principal ao entrevistado, não dando abertura ao jornalista para também fazer seus próprios comentários de vida, a linguagem do jornalista tendeu a ser o padrão do texto jornalístico, ou seja, de oralização da escrita (formal, planejada).

Percebeu-se um predominante uso da linguagem padrão, sem muitas expressões coloquiais, uma pronúncia mais acurada e pausada das palavras sem as reduções comuns aos falantes brasileiros em conversa espontânea. A hipótese inicial da pesquisa é de que haveria mais escolhas informais para cativar mais o público, mas essa hipótese foi negada.

Os usos de linguagem não padrão ou informalidade foram mais pontuais, como em algumas expressões cotidianas como **trocar dois dedos de prosa, boa praça**; uso de marcadores discursivos como **né, ta, aí**; reduções como em **tá** (está), **pa** (para). Acredita-se que esses usos se devam por tentativa de maior proximidade com o entrevistado ou por dificuldade em decorrência da discrepância entre língua praticada no Brasil e norma culta prevista em

manuais do bom uso. É importante ressaltar, porém, que também não foi utilizada uma linguagem rebuscada, continuando acessível à população.

O quadro analisado reforça o papel do jornalismo local enquanto arquivo histórico da localidade em que se insere o jornalismo regional é um pilar fundamental da sociedade, desempenhando papel significativo na notícia local, na democracia e fortalecendo as comunidades locais. Atua como um elo essencial entre os cidadãos e as autoridades, garantindo que as questões específicas de cada região sejam ouvidas e abordadas, destaca-se nos eventos culturais, tradições e talentos regionais. A diversidade de perspectivas é outra característica marcante do jornalismo regional, enriquecendo o debate público e destacando uma variedade de vozes dentro da comunidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sonia. **Territórios do jornalismo: geografias da mídia local e regional no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2016.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

COUTINHO, I.; MARTINS, S. Identidade no telejornalismo local: a construção de laços de pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu Público. **I Colóquio Internacional Televisão e Realidade**, 2008. Disponível em: <https://tvereadidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Simone%20Martins%20e%20Iluska%20Coutinho.pdf> Acesso em: 28 out. 2023.

COUTINHO, Iluska e FERNANDES, Livia. Telejornalismo local e identidade: o Jornal da Alterosa e a construção de um lugar de referência. XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Região Sudeste. Juiz de Fora, 2007.

DEOLINDO, Jacqueline da Silva. Cidade e indústrias de mídia: distinções entre metrópole e interior. **Anais do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

FARACO, C. A. Norma: tecendo conceitos. In: FARACO, C. A. **Para conhecer a norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1987/2002

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, L. DIONÍSIO, A. P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.